

# O colecionador de postais de Natal

A tradição de enviar postais de Boas Festas perdeu força com a chegada das tecnologias. Mas ainda há quem faça questão de não deixar morrer um costume que marcou gerações. São exemplo disso os colecionadores de postais, como Paulo Dias, que tem mais de 1200 inteiros postais natalícios dos Correios. O seu acervo começa no ano em que foram lançados – em 1939. Mas estes cartões não serviam apenas para desejar Festas Felizes. Também contam a História do país.

**FILIPA LINO**  
flino@negocios.pt



Paulo Dias tem um espólio com selos, postais, cartas, telegramas e até aerogramas do Movimento Nacional Feminino com mensagens de Boas Festas

# A

paixão de Paulo Dias pelo colecionismo começou cedo, ainda na escola primária, com as tradicionais cadernetas de cromos. Pouco depois, o que era apenas uma brincadeira de criança, tornou-se algo sério. “O meu tio ofereceu-me uma minicolecção de selos, de que gostei muito. Com sete ou oito anos, eu já montava coleções”, conta.

O miúdo deu nas vistas quando começou a participar em mostras filatélicas. “Os colecionadores mais velhos acharam graça ao meu interesse pelos selos e perceberam que eu aprendia rápido. Viram que tinha potencial e ensinaram-me. Tive muitos professores”, recorda. Foi assim que foi dando os primeiros passos no colecionismo. Depois dos selos, vieram os postais.

O pai de Paulo Dias era dono de armazéns de retém, onde se guardavam arquivos de empresas, incluindo correspondência. Quando já não faziam falta, esses arquivos eram vendidos para serem reciclados. “Eu entretinha-me a tirar de lá as cartas, principalmente, os postais dos Correios”, recorda. “Aproveitei muita coisa para as minhas coleções. Apareciam muitos postais, tanto postais simples como os de boas festas. Era algo relativamente fácil de poder colecionar naquela altura, e não larguei mais esse hábito”.

Hoje, aos 62 anos, tem um espólio com selos, postais, cartas, telegramas e até aerogramas do Movimento Nacional Feminino, com







mensagens de Boas Festas, que eram dados aos militares da Guerra Colonial para enviarem às suas famílias.

#### NO TEMPO DA GUERRA

A sua coleção natalícia de inteiros postais (conjuntos que incluem envelope ou cartão, selo impresso e espaço para escrever a carta) começou em 1939, o primeiro ano em que foram emitidos pelos Correios, e perdurou até ao ano 2000. “Tive de deixar de colecionar por falta de espaço em minha casa, mas os Correios continuam a emitir esses postais”. Já não acrescenta exemplares à sua coleção, mas passam-lhe alguns pelas mãos, através da sua leiloeira, a Leilões P. Dias Lda., destinada ao mercado do colecionismo.

Os inteiros postais eram sobretudo utilizados pelas empresas, que “os compravam para enviar aos seus clientes mais chegados” nesta época festiva. Tornavam-se mais práticos, uma vez que não era preciso ir ao balcão dos Correios colocar um selo e enviar. Já estava tudo incluído. Mas “as famílias com algum poder económico também os adquiriam”.

Estes postais foram emitidos pela primeira vez em 1939. “Substituíram o postal ilustrado de Boas Festas”, explica o leiloeiro. “Já existiam antes por essa Europa fora e em Portugal havia uma lacuna”. Na primeira emissão, o cartão era vendido juntamente com o selo para colar. Na segunda, vinha também com o selo pré-impresso.

Em Portugal, existe um mercado de colecionismo para estes cartões com alguma tradição. São raros e, por isso, valiosos. As primeiras duas tiragens foram muito pequenas, à volta dos três mil exemplares. Por isso, são mais difíceis de encontrar e têm um valor superior ao das restantes emissões (que chegaram a ter tiragens na ordem dos 15 mil e 20 mil).

Um inteiro postal de Boas Festas da primeira emissão “é francamente difícil de aparecer, principalmente circulado”, e pode valer entre 25 e 50 euros. Se estiver novo, o preço desce para um montante entre os 15 e os 30 euros. A partir daí, desde 1941 até 1980, a série completa (que tem vários postais diferentes) vende-se por 50 a 60 euros.

Na sua coleção pessoal, entre novos e usados, Paulo Dias conta cerca de 1200 postais. Alguns têm especificidades curiosas. Os primeiros postais, com o porte de 25 centavos, só circulavam internamente: em Portugal, ilhas e ex-colónias. Quando eram enviados para o estrangeiro, tinham de completar o porte. Mas, ao contrário de outros, não podiam vir de fora para Portugal.

“Eu tenho dois (postais) enviados em 1945 de uma pessoa na Rússia para Lisboa. Estavam proibidos de circular, mas escaparam à multa porque foram percecionados como postais ilustrados. Nos Correios, ninguém não deve ter reparado”. Durante a II Guerra Mundial, “os postais ilustrados podiam circular do estrangeiro para cá, desde que tivessem o porte correto”. Mas não era o caso.

Alguns destes inteiros postais de Boas Festas foram enviados para prisioneiros de guerra portugueses que estavam em campos de concentração, conta o leiloeiro. “As mensagens eram todas censuradas e, quando havia texto a mais, nem sequer chegavam ao destino.

As famílias escreviam mensagens simples, tais como: “desejo que esteja tudo bem, que estejas de saúde, espero que tenhas recebido a minha encomenda”. A Cruz Vermelha, geralmente, fazia chegar encomendas enviadas pelas famílias com comida ou roupa. Mas tudo era controlado. “A correspondência era toda aberta e verificada por censores”.

Se o destinatário é uma pessoa importante, o seu valor histórico faz subir o preço do inteiro postal. “Enquanto leiloeiro, passaram-me pelas mãos alguns postais de pessoas ligadas ao governo do Estado Novo”, refere como exemplo. E também alguns destinados a presos políticos no Forte de Peniche e noutras prisões. “Isso é fascinante, está ali a história de alguém que também pertence à História de Portugal”. Esses inteiros postais tinham o carimbo da PIDE e do censor. Por si só, isto faz subir o valor de mercado. “Deixa de ser apenas um inteiro postal de boas festas, para passar a ser uma coisa que entra na História postal”. Esses passam automaticamente a ter “outro tipo de valor”.

Paulo Dias lamenta que se tenha perdido a tradição de enviar postais de Natal. A culpa, diz, é da internet e dos telemóveis. “É de louvar que os Correios continuem a lançar emissões novas para manter a chama acesa”. Estão também a pensar no mercado do colecionismo. Os colecionadores “continuam sempre a comprar e fazem questão de enviar postais de Natal uns para os outros, para manter a tradição, e também para que este costume não termine assim tão facilmente”. **w**

**Em Portugal, existe um mercado de colecionismo para estes cartões com alguma tradição. São raros e, por isso, valiosos, diz o colecionador Paulo Dias**

